

FAC FHC

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Mulatinho caipira

• Caipira, nós? Bastou Fernando Henrique dizer que somos assim para ocupar espaços na imprensa, despertar a ira de parlamentares e criar enorme polêmica em torno desse conceito, que poucos sabem ao certo o que seja. Tinha ele a intenção de xingar os brasileiros ou, como defendeu José Sarney, assumindo o seu próprio caipirismo, o propósito de nos louvar, homenageando, ao mesmo tempo, os portugueses? Sarve Brasil!

Estabelecida a dúvida, criou-se o interesse por decifrá-la, a começar pela interpretação política.

Um deputado mineiro, mais dado à desconfiança — um traço da cultura caipira, aliás — assegura que os deslizes de linguagem em que FH se especializou quando no exterior são propositais e longamente amadurecidos. Têm o objetivo de mantê-lo no centro do noticiário local, mesmo à distância. Inspiram-se no exemplo do general De Gaulle, que Fernando Henrique acompanhou quando professor em Paris.

Em maio de 1968, com a França paralisada pela greve geral e os estudantes proclamando ser proibido proibir, De Gaulle voltou do exterior e disse apenas uma frase: "Reformas, sim. *Chienlit*, não."

Que diabo queria dizer *Chienlit*? Os jornalistas, como todo mundo, correram aos dicionários. Verificaram tratar-se de uma palavra do jargão militar, que quer dizer baderna. Será o nosso presidente tão preconcebido?

Agora, com a luz lançada so-

caipira. Diz Antônio Candido: "O lazer era parte integrante da cultura caipira; condição sem a qual não se caracterizava, não devendo, portanto, ser julgado no terreno ético, isto é, ser condenado ou desculpado, segundo é costume."

Não era certamente ao gozo do lazer que Fernando Henrique Cardoso se referia. Pelo comentário que fez ao nosso pouco interesse pelo que se passa fora das fronteiras do país, pode ter pensado em outra característica caipira: o isolamento, social e econômico.

Vivendo em moradas rústicas, isoladas ou com escassa vizinhança, o caipira produzia quase todo o necessário à sua vida, dos alimentos à roupa e ao combustível para iluminação. Por vezes, no entanto, contava com o auxílio dos vizinhos para trabalhos maiores e organizava mutirões. Em grau ampliado, é o Brasil da substituição de importações de ontem e do Mercosul de hoje. Cooperação entre os fracos, que resulta em um fortalecimento comum.

bre o caipira, fizemos a mesma coisa, embora a definição do Aurélio seja insuficiente para esclarecer as intenções presidenciais. Para conhecê-las melhor é preciso ir além, como me recomendou o professor Gilberto Velho, meu consultor de estimulação em matérias antropológicas.

O estudo clássico sobre a sociedade caipira é de Antônio Candido: "Parceiros de Rio Bonito, estudo sobre caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida."

Logo na introdução, há uma informação preciosa. Escreve o mestre: "Fernando Henrique Cardoso, antigo-aluno e já colega, me substituiu nas atividades docentes durante o último mês da redação, tornando-se credor do mais sincero agradecimento. Ele e Renato Jardim Moreira reviram os originais datilografados."

Logo, há 40 anos que Fernando Henrique sabe, muito bem, o que significa ser caipira. A referência que fez não deve ter sido improvisada. Sabe, igualmente, serem completas as suas características. Cabe, portanto, selecionar a quais, dentre elas, referia-se o presidente.

A mais conhecida característica caipira, além do seu dialeto, é a preguiça. Dela já se queixava, em 1766, o Morgado de Mateus, que foi governador de São Paulo e, no cargo, ficou tão rico que até hoje nos impingem, com o nome de vinho, uma beberagem chamada Mateus-Rosé, produzido nas terras de seu palácio.

Antônio Candido, em vez de falar de preguiça, fala em "margem de lazer". Esta margem tornava-se possível por serem mínimas as necessidades do

Em relação à globalização, o caipirismo tanto pode ser a favor como contra.

O argumento contrário pode ser encontrado no trecho em que Antônio Candido descreve a aculturação do caipira no mundo agrícola moderno ou nas cidades. Escreve: "Todas as vezes que surge, por difusão da cultura urbana, a possibilidade de adotar seus traços materiais, o caipira tende a aceitá-los, como elemento de prestígio."

Esse tipo de aceitação acrítica do que vem de fora, sejam mercadorias, sejam valores ou comportamentos, continua a existir, só que em um espaço maior, que abrange o país inteiro.

A favor da globalização é o processo de aculturação, sobre o qual escreve Antônio Candido: "De um lado, o caipira se desprende das técnicas e conhecimentos que constituíram o seu acervo cultural próprio, por outro lado, ele encontra técnicas e conhecimentos novos que, num universo diferente, compensarão a atrofia da sua cultura, pela sua incorporação a uma cultura nova."

O mistério é um componente importante do poder. Abre espaço para a imaginação dos governados e justifica todas as interpretações. Tenho para mim que, ao dizer "eu também sou caipira", estava assumindo um dos aspectos mais positivos do caipirismo: a ausência de preconceito racial. O caipira tanto pode ser branco, caboclo, mulato ou negro. Na sua casa não cabem discriminações.

Logo, Fernando Henrique assume orgulhosamente ser o Mulatinho Caipira do rancho do Alvorada.